

Javier Melloni

O Cristo Interior

2.^a edição



EDITORIAL AO

Título original

El Cristo interior

© 2010, Javier Melloni

© 2010, Herder Editorial, S.L.

ISBN: 978-84-254-2701-5

Tradução

P. Idalino Simões

Capa

Romão Figueiredo

Paginação

Editorial AO

Impressão e Acabamentos

Sersilito – Empresa Gráfica

Depósito Legal

539598/24

ISBN

978-972-39-1000-1

1.ª edição

Janeiro de 2022

2.ª edição

Dezembro de 2024

Com todas as licenças necessárias

©

SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443

www.redemundialdeoracaodopapa.pt/livraria | livros@snao.pt

Introdução à edição portuguesa

Nada é mais relevante para um cristão do que o conhecimento de Jesus Cristo.

E se acreditamos que à luz de Cristo se esclarece verdadeiramente o mistério do que é «ser humano», então este conhecimento interessa a muitos mais!

Não estamos a falar de um conhecimento meramente «jornalístico»: feito de datas, lugares, fisionomias, percepções, ideias... Referimo-nos à experiência de um encontro pessoal, que se vai aprofundando e saboreando de forma espiritual, abrindo novos horizontes à história de cada um e de todos.

O livro de Javier Melloni – que tem nas suas mãos – aproxima-nos dessa experiência de encontro, ajudando realmente o leitor, na esteira de Santo Inácio de Loiola, a entrar no «conhecimento interno do Senhor que, por mim, se fez homem, para que mais o ame e o siga». Para conhecer a Cristo de forma interior não é necessário saber tudo, pois «não é o muito saber que sacia e satisfaz a alma, mas o sentir e gostar as coisas internamente». Por isso bastou ao autor escolher algumas passagens significativas da vida de Jesus, levando-nos a saboreá-las em toda a sua – e nossa – profundidade.

Conhecer alguém por dentro é deixar-se tocar interiormente pela alegria e sentido que essa presença nos traz! Isso mesmo nos é oferecido pela bela prosa poética de Javier Melloni, com a originalidade e a autenticidade de uma «cristologia orante». Certamente que o desejo mais profundo do autor não andar­á longe das palavras que São Paulo endereçou aos cristãos de Éfeso: «que Cristo habite, pela fé, nos vossos corações».

Miguel Gonçalves Ferreira, sj

Apresentação

Reconhecemos, em Cristo Jesus, «a imagem do Deus invisível» (*Cl* 1, 15). Por meio d'Ele vislumbramos tanto o que é Deus como o que nós, humanos, estamos chamados a ser: plenitude de receptividade e de doação. No completo dar-se de Deus em Jesus e de Jesus em Deus manifesta-se o mistério de que todos recebemos «graça sobre graça» (*Jo* 1, 16). Os hinos dos começos insistem: «foi n'Ele que aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude» (*Cl* 1, 19); «para conduzir os tempos à sua plenitude: submeter tudo a Cristo, reunindo n'Ele o que há no céu e na terra» (*Ef* 1, 10); «Aquele que desceu é precisamente o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, a fim de encher o universo» (*Ef* 4, 10). Em Cristo, é-nos mostrado o nosso destino último, para o qual fomos trazidos à existência: para participar dessa mesma plenitude (*pleroma*) que ultrapassa o que possamos esperar. Como Paulo, desejamos estar enraizados e fundamentados n'Ele e «conhecer o amor de Cristo, que ultrapassa todo o conhecimento, para que sejamos repletos, até recebermos toda a plenitude de Deus» (*Ef* 3, 19).

«A realidade é Cristo» (Cl 2, 17) e é-o enquanto reconhecemos n'Ele a unificação do divino, do humano e do cósmico num máximo de diafania. Esta diafania procede da transparência de um modo de ser totalmente descentrado de si, que permite estabelecer a verdadeira comunhão com Deus, com as pessoas e com as coisas.

O que identificamos em Jesus está chamado a ser vivido por cada ser humano. Quem opera esta transformação é o Espírito Santo, a *dynamis* divina que se derramou em Jesus, o Cristo – o «Ungido» –, desde a sua conceção e que está presente em cada pessoa a partir do instante mesmo da sua aparição, pelo simples facto de existir. Na medida em que nos abrimos a esta unção, ela vai-nos cristificando, vai-nos transformando em *alter Christus*.

Embora haja uma cristologia descendente e outra ascendente, também podemos falar de uma cristologia interior. *Interior* não significa alheia ao mundo, mas revelação do que o mundo alberga. Brota de dentro das coisas e das pessoas, não como um esforço, mas como o desenvolvimento de uma semente (Lc 13, 19), como a germinação de um núcleo oculto mas sempre presente em tudo. Viemos à vida para acolher o dar-se de Deus e para nos convertermos em matrizes do seu apresentar-se no mundo.

Cada tradição religiosa é um caminho para o desvelar do Real. Somos, os cristãos, os que fomos seduzidos por

Jesus de Nazaré, que de tal modo viveu aberto ao Outro de si, que descobriu que esta Alteridade constituía a sua mais profunda e íntima mesmidade. Através d'Ele, acedemos à revelação do que somos, assim como somos atraídos para que a nossa existência seja a ocasião da sua transparência.

As presentes páginas têm como primeiro suporte outras páginas: os Evangelhos, que nos relatam a vida de Jesus, o Nazareno, confessado como Cristo, o filho de Deus, pelos seus seguidores. Ao falarem de um personagem histórico, remetem para uma exterioridade, distante no espaço e no tempo e, como tal, inacessível; mas, como manifestação do eterno dar-se de Deus, somos seus contemporâneos. Cada geração é equidistante de Cristo e é capaz de Cristo. Por meio desta contemporaneidade, não só acedemos ao seu exterior, mas habitamo-lo e somos habitados por Ele. A passagem do exterior ao interior acontece pela contemplação e pela meditação assídua desses textos. Chegam-nos notícias suas através de palavras escritas e, por isso, consideramo-las sagradas, porque recolhem os ensinamentos e os relatos de um caminho vivido antecipadamente por Ele. A sacralidade do texto atinge a sua culminação quando transforma aquele que o lê.

Recorremos aos Evangelhos, assim como para outros caminhos existem outros textos. Nestas páginas vamos entrar em alguns dos nossos. São textos iniciáticos, que crescem com quem os lê, tal como terá dito Gregório

Magno. Crescer significa aqui abrir-se e deixar-se configurar pela forma crística, da qual Jesus é pauta e modelo arquétipo. *Mysterium coniunctiones* do passado, do presente e do que está para vir, que já está a vir neste ir e vir para Ele através dos textos e da vida.

Conjunção de exterioridade e de interioridade que vai transformando a existência e vai propiciando a transparência das palavras, dos atos e dos gestos, para nos conduzir a um estado a que chamamos santidade. Assim, através da vida de Jesus e dos relatos que no-la transmitem, a forma excede a forma ao mesmo tempo que a concretização é a oportunidade para que se mostre o Imanifestado. Como cristãos, acedemos à Origem de tudo o que é através da pessoa de Jesus. A interiorização de Cristo em cada um converte-se na sua encarnação contínua, como contínuo é também o ato criador de Deus. Disto falou um frade dominicano há alguns séculos, Eckhart de Hochheim, mestre não só das letras, mas sobretudo da vida; contudo, alguns da sua geração não suportaram os seus exageros. Também Juliana, eremita de Norwich, disse que Cristo era mãe, que nos gerava no seu sangue, e que as suas chagas eram a abertura da sua matriz. E João, o da Cruz, aquele frade pequenino, mourisco de Fontiveros, disse que quando à alma, estando enamorada, lhe falta o natural, infunde-se nela o divino, natural e sobrenaturalmente, para que não aconteça um vazio na natureza.

A Igreja é um jardim de surpresas onde germinam sementes antigas que não germinaram na sua altura, mas não morreram, e onde árvores de outrora são hoje lenha esquecida. A Igreja é maior que ela própria, mas não o sabe. Põe limites às suas possibilidades. Sempre o fez e continua a fazê-lo. Mas as sementes do Evangelho não sabem destas demarcações e por isso há Igreja para lá da Igreja, como há Evangelho para lá do texto e há Cristo a nascer em todo o coração desalojado de si mesmo.

O Cristo nascente está albergado em cada interior humano. Há sementes de divindade – o chamamento a viver a existência como plenitude do receber e do dar-se, tal como acontece no interior de Deus – espalhadas por toda a parte. Jesus de Nazaré veio despertar-nos e, desde então, estamos a amanhecer, apesar de tanto adormecimento nosso.

I

HORIZONTE

«Vinde e vereis»*(Jo 1, 39)*

Um rio no limite do deserto. Gente e vozes na margem. Palavras contundentes de um homem que não vacila diante dos poderosos. João, «o que alcançou os favores de Deus» – tal é o significado do seu nome – provém de um lugar solitário onde só há grutas, rochas e alguns animais esquivos. É urgente a mudança. Sem concessões. Há diferentes gamas de ouvintes: os que andam à procura há muito tempo e se tornaram discípulos deste profeta arisco, os que acabam de chegar e escutam, entre espantados e cativados, e os que nunca acabam de chegar, entretidos.

A busca está nas entranhas do ser humano, de nós, animais de profundidades e anseios infinitos. Buscamos porque somos seres abertos e essa abertura não tem fim, como interminável é o Mistério. Precisamos de escutar palavras verdadeiras que nos alimentem. As que eram pronunciadas por um homem que comia gafanhotos e se vestia com pele de camelo eram credíveis. Apesar da sua dureza, anunciava algo acessível: a oportunidade

de receber um banho de purificação e começar a vida de novo. O templo estava longe, na capital. Muitos não tinham dinheiro para realizar as oferendas propiciatórias que em cada ano se deveriam fazer para aplacar o sentimento de culpa gerado por uma estrutura religiosa agonizante. Aquele vigia solitário tinha perscrutado os sinais e sentia a iminência do Esperado pelo seu povo.

Um certo dia chegou ali *alguém* que ninguém soube reconhecer ou perceber. Ao entardecer, o homem do deserto, acostumado a amplos horizontes de silêncio, disse que *tinha visto*. Que viu? Um *taljàh*, um cordeiro, palavra hebraica que também significa servo. Não era um leão, nem uma águia, nem um búfalo. Apenas um cordeiro, um servo que «não gritará, não levantará a voz, não clamará nas ruas, não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fumeja», recordou-se João, num relance, de ter lido em algum livro de profetas. O homem do deserto não se sentiu digno diante de tanta pureza, diante de tanta inocência. Ele pregava um batismo de penitência, mas não esperava que viesse até ele quem ia limpar as águas e encher de sentido o seu gesto pelo simples facto de estar presente. João quis ser batizado por ele, mas o Esperado não consentiu. Nesse momento vinha receber, não exercer. Ainda não tinha chegado a sua hora.

Algo aconteceu, então, no rio. Algo se abriu e rasgou. Algo se revelou e logo tornou a velar-se. Só João e Jesus o

perceberam. Por essa proximidade, por essa afinidade, a tradição atribui-lhes parentesco de sangue.

João percebeu que já não era necessário continuar a falar nem a anunciar. Só lhe restava indicar:

– Observai. Abri o olhar interior e aprendei a reconhecê-lo, porque já está entre nós.

Entre nós está sempre, mas não podemos, não sabemos ou não ousamos reconhecê-lo. Só os que têm o olhar penetrante, exercitado na nudez do deserto, podem percebê-lo.

Dois discípulos escutam e entendem. Descobrem-no no dia seguinte entre a multidão e identificam-no pelo seu modo de estar, de respirar, de escutar, de olhar, de se mover. Esperam todo o dia, até que Jesus se retira. Seguem-no e, aproximando-se – quem se aproximou de quem? –, interrogam-no:

– Mestre, onde moras, onde estás, onde se enraíza o teu ser?

Menein é o verbo grego que aparece e que é usado quarenta e cinco vezes no Evangelho de São João. É o verbo joanino por excelência. Refere-se à permanência do Filho no coração das profundezas trinitárias. A pergunta dos discípulos é a questão teologal e existencial primordial.

– Onde bebes, Senhor? De que te alimentas? Qual é o segredo que faz com que, desde que te vimos, não possamos deixar de te seguir?

A pergunta é o eco de outra pergunta, muito antiga. A que Deus fez a Adão nas origens: «Mas o Senhor Deus chamou o homem e disse-lhe: “Onde estás?”» (Gn 3, 9). Ficou sem resposta. Continua por responder, porque não sabemos onde estamos. Perdemos a pista do Ser. Contudo, Ele sabe. Por isso veio; e nós também o intuímos, porque, apesar de nos termos perdido, não cessamos de o desejar. Estamos no seu corpo e isso é tudo. «É n’Ele, realmente, que vivemos, nos movemos e existimos» (At 17, 28). Somos peixes no mar à procura do oceano. A nossa sede faz-nos perscrutar sem descanso. Interrogamos a quem nos responde com uma pergunta:

– Sabeis onde estais? O que buscais realmente?

Nas nossas mútuas perguntas começamos a encontrar-nos. Mas chega o momento em que nos faz um convite:

– Vinde e vereis.

Não *vamos* a Jesus, mas *vimos*. Vimos a Ele porque por Ele regressamos a casa. A nossa casa, o nosso lugar original e originante é a vida intratrinitária, em que três são um, porque o Ser é comunhão e inter-relação em estado permanente de doação. O Ser uno e único é comunhão e inter-relação. O Ser uno e único comunica-se-nos a partir da profundidade de si mesmo como fonte originária (Pai), como Recetáculo com capacidade constitutiva de acolher (Filho) e como fluxo constante de devir para deixar que os seres advenham (Espírito). Convida-nos a participar

desta relação sem que em nenhum momento tenhamos deixado de estar nela. Por isso é um *vir*. Em Deus está contida toda a realidade. Não há realidade fora de Deus. Deus é o nome do Real no seu estado pleno, fontal e final ao mesmo tempo. No meio, entre a fonte e o mar, está a criaturalidade, o ato processual de tomar consciência de que n'Ele «nos movemos, somos e existimos».

Mas agitamo-nos em excesso e esquecemos que *somos*, e isso leva-nos a um mau viver. Contudo, continuamos a buscar e a investigar. A humanidade leva inumeráveis gerações à beira de mestres para beber palavras puras, capazes de despertar, de indicar caminhos e de iniciar processos. A voz dos mestres de todos os tempos tem a sonoridade desse retorno a casa. Sendo distantes, tornam-se extremamente familiares. Nisso reconhecemos que estamos diante de palavras verdadeiras. «Vinde e vereis». Lá, vamos *vindo* à inatingível profundidade da nossa própria proximidade. Lá, que é aqui e agora. Mas temos necessidade do Mestre e de profetas que no-lo desvelem. Temos necessidade de os seguir para que nos digam que voltámos à casa do Ser, que está no nosso ser. Para isso temos de aprender a ver e também a escutar e a interpretar visões e sons.

Índice

<i>Introdução à edição portuguesa</i>	
Miguel Gonçalves Ferreira, sj	5
<i>Apresentação</i>	7

I

HORIZONTE

1. «Vinde e vereis» (<i>Jo</i> 1, 39)	15
2. «Este é o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado» (<i>Mt</i> 3, 17; <i>Mc</i> 1, 11; <i>Lc</i> 3, 22) ...	21
3. «Convém que eu diminua e Ele cresça» (<i>Jo</i> 3, 30)	27

II

CAMINHO

1. «De madrugada, ainda escuro, levantou-se e saiu; foi para um lugar solitário e ali se pôs em oração» (<i>Mc</i> 1, 35)	33
2. «Falava com autoridade» (<i>Mc</i> 1, 22)	39
3. «Felizes os pobres em espírito» (<i>Mt</i> 5, 3)	43
4. «Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça» (<i>Mt</i> 6, 33)	49
5. «Bendigo-te, ó Pai, porque o revelaste aos pequeninos» (<i>Mt</i> 11, 25)	55

6. «A verdade vos fará livres» (Jo 8, 32)	59
7. «Passai para a outra margem» (Mt 14, 22; Mc 6, 45; Jo 6, 17)	63

III

ESVAZIAMENTO

1. «Começou a lavar os pés aos discípulos» (Jo 13, 5) ...	69
2. «Tomai e comei» (Mt 26, 36)	73
3. «Não se faça a minha vontade, mas a tua» (Lc 22, 42)	79
4. «Eis o Homem» (Jo 19, 5)	83
5. «Tenho sede» (Jo 19, 8)	87
6. «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem» (Lc 23, 34)	91
7. «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito» (Lc 23, 46)	95

IV

GESTAÇÃO

1. «Um túmulo novo» (Jo 19, 41)	101
2. «Mulher, porque choras? ... Não me detenhas» (Jo 20, 15.17)	105
3. «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19)	109
4. «Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28, 20)	113
5. «Eu e o Pai somos Um» (Jo 10, 30)	117

Índice

6. «Permanecei em mim» (<i>Jo</i> 15, 4)	121
7. «O Espírito da Verdade há de guiar-vos para a Verdade completa» (<i>Jo</i> 16, 13)	125
<i>Epílogo</i> : «A realidade é Cristo» (<i>Cl</i> 2, 17)	129
<i>Índice</i>	133